

PROGRAMA
**EDUCAÇÃO
MUSICAL**

*Plano
de Organização
do Ensino-Aprendizagem*

VOLUME II

ENSINO BÁSICO
2.º CICLO

REFORMA
EDUCATIVA



DGEBS

DIRECÇÃO GERAL
DOS ENSINOS BÁSICO
E SECUNDÁRIO

ENSINO BÁSICO

2.º CICLO

**PROGRAMA DE
EDUCAÇÃO MUSICAL**

**PLANO DE ORGANIZAÇÃO DO
ENSINO-APRENDIZAGEM**

VOLUME II

SUMÁRIO

● INTRODUÇÃO	5
● PLANO DE ORGANIZAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM	7
● SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS	13
● SUGESTÕES DISCOGRÁFICAS	17
● MATERIAL ESPECÍFICO	21

INTRODUÇÃO

O programa da disciplina de Educação Musical para o 2.º ciclo do ensino básico foi publicado no volume I— «**Organização Curricular e Programas**». Aí se reúnem as suas componentes fundamentais, nomeadamente finalidades e objectivos, enunciado de conteúdos, linha metodológica geral e critérios de avaliação. Trata-se dos princípios básicos do programa e, pela sua natureza prescritiva, devem pautar obrigatoriamente o trabalho do professor.

O presente volume, constituído pelo *Plano de organização do ensino-aprendizagem* e por um conjunto de *sugestões bibliográficas e discográficas*, tem uma natureza e uma função diferentes.

Dado o carácter de relativa abertura do programa, considerou-se útil complementá-lo com um conjunto de propostas de trabalho, que, embora sem função normativa, esclarecessem o professor sobre a articulação das várias componentes curriculares e lhe facilitassem as tarefas de planificação, quer a longo, quer a médio, quer mesmo a curto prazo. Tal não significa, obviamente, que se coarte a liberdade do professor, a quem fica aberto, no que se refere à selecção das aprendizagens, um largo campo de decisão, em interacção com os alunos e de acordo com as situações pedagógicas concretas.

O professor entenderá o Plano de organização do ensino-aprendizagem como um conjunto de sugestões de trabalho e utilizá-lo-á com a necessária flexibilidade, respeitando embora as suas linhas gerais, na medida em que nestas se

**PLANO DE ORGANIZAÇÃO
DO ENSINO-APRENDIZAGEM**

A natureza teórica-prática da disciplina aconselha uma organização de uma sessão de 2 tempos destinada a experiências musicais, dinamização dos trabalhos de grupos corais e instrumentais, bem como de audições musicais comentadas; e outra de 1 tempo para a área de formação musical teórica. Tendo em consideração as condições específicas de cada Turma e Escola prevê-se:

- para o 5.º ano — nível I a nível VI;
- para o 6.º ano — nível VII a nível XII.

O programa do 2.º ciclo encontra-se organizado por níveis de espiral pelo que se pressupõe que cada nível envolve um campo de compreensão musical mais alargado e mais complexo. Contudo, como toda a aprendizagem é cumulativa e evolutiva, todas as ideias musicais de um nível são integradas e alargadas nos níveis seguintes. É também importante salientar que o ensino-aprendizagem deve ser aberto, não restritivo, isto é, permanentemente susceptível de ser acrescentado com novas informações segundo a sensibilidade do professor e os interesses dos alunos.

Para que o aluno faça uma apropriação criativa dos conceitos musicais, o seu desenvolvimento far-se-á através de experiências individuais e colectivas que abranjam as três grandes áreas: Composição, Audição, Interpretação.

Área da Composição

O professor, ao estabelecer o nível em que vai trabalhar, motivará os alunos para a criação de pequenas peças musicais que envolvam de forma mais ou menos abrangente os conceitos de **Timbre, Dinâmica, Altura, Ritmo e Forma**. Este trabalho poderá ser feito individualmente ou em grande ou pequeno grupo, conforme o conceito a desenvolver e a estratégia a seguir.

EXEMPLOS:

No **nível III**, os alunos serão incentivados a elaborar pequenas peças vocais ou instrumentais que desenvolvam a ideia de Ostinato, integrando a exploração das noções de Forte, Mezzo Forte e Piano, bem como a organização do som e silêncio na pulsação.

No mesmo nível, poderão ser trabalhadas as linhas sonoras ascendentes, descendentes, ondulatórias, contínuas e descontínuas, com base em diferentes famílias de timbres e nas suas características de produção sonora.

No **nível V**, o professor poderá utilizar o texto literário como base de improvisação, ligando a frase literária com a frase musical. Uma vez escolhidas as diferentes possibilidades, estas serão tratadas vocal e instrumentalmente, integrando outras explorações, tais como diferentes padrões rítmicos e combinação de timbres.

O **nível IX**, permite trabalhar a forma Rondó, improvisando e criando um refrão melódico com base numa escala dada e num determinado compasso simples. Nas coplas poder-se-á fazer a alternância do compasso, quer em instrumento de percussão de altura indefinida, quer com acordes previamente combinados nos instrumentos de lâminas.

Este nível corresponde, provavelmente, à primeira parte do trabalho de 6.º ano, proporcionando uma revisão de conceitos a partir das ideias referidas.

O professor deve estar atento à qualidade das realizações vocais e instrumentais do aluno, necessária à prática da improvisação e composição, bem como à representação dos trabalhos produzidos na aula. Esta representação assume a forma não convencional ou convencional conforme o tipo de composição e o nível de aprendizagem.

Tornam-se também evidentes as ligações entre esta área e as de audição e interpretação que a acompanham e suportam. Em cada trabalho de criação o aluno é motivado para a audição cuidada e crítica da sua obra e da dos colegas e também ouvirá exemplos de literatura musical em que o tratamento dos elementos musicais tenha relação com os trabalhos da aula.

Área da Audição

A audição e escuta musical, para além de desenvolverem a capacidade de análise crítica, são imprescindíveis em todos os momentos da actividade musical, desde a exploração de materiais sonoros até à concretização final do trabalho. O professor deverá gravar as realizações dos alunos para que se ouçam a si mesmos e promovam o seu próprio progresso no âmbito da criação e da interpretação.

Os meios de comunicação têm contribuído para a divulgação da música de diferentes épocas e culturas. Estes meios facilitam o desenvolvimento de conceitos musicais através da audição de obras de diferentes géneros, incluindo a música portuguesa.

EXEMPLOS:

No nível III, para o desenvolvimento do ostinato sugere-se o exemplo rítmico tocado em instrumentos de percussão por grupos populares em canções populares. Sugere-se a audição de gravações de uma dessas canções.



Os alunos realizam o ostinato em simultâneo com a audição. Podem também identificar os instrumentos/vozes ouvidas, pelo timbre, e agrupá-los em famílias.

No nível VI, quanto ao desenvolvimento de altura-melodia/harmonia, cita-se como exemplo o excerto inicial (22 compassos) da *Promenade de Quadros de uma exposição*, de Mussorgsky. Neste fragmento os alunos ouvem só *melodia* tocada pelo trompete alternando com *harmonia* por instrumentos da orquestra.

Distingue-se perfeitamente o timbre do trompete e o seu perfil sonoro. O professor poderá também, com esta obra explorar a relação pulsação/ritmo.

No nível VII, para o desenvolvimento do conceito de Ritmo — monorritmia/polirritmia — os alunos poderão ouvir excertos de música étnica de culturas onde haja exemplos de polirritmia, tais como a música da África negra, do Brasil e da Indonésia, em contraste com a música étnica portuguesa, árabe e indú, predominantemente monorrítmicas. Através destas audições será fácil também promover a compreensão de alteração e realce tímbricos.

Os excertos de obras devem ajustar-se ao desenvolvimento do(s) conceito(s) e ao nível etário dos alunos.

A capacidade de audição discriminada do aluno depende das suas experiências musicais anteriores e é fundamental para que atinja os objectivos dos domínios do conhecimento, das capacidades e das atitudes e valores.

Área da Interpretação

Três componentes são fundamentais para a interpretação/execução, como aliás para toda a actividade musical; a *componente estética* (sentir prazer com a beleza da execução); a *componente afectiva* (gostar do que se executa); a *componente social* (fazer música em grupo ou individualmente para outros).

Tal como a composição e a audição, a interpretação está intimamente ligada à escuta, necessária a qualquer actividade musical. Isto quer dizer que é fundamental ouvir bem, no sentido psicomusical do termo, para poder ser crítico em relação ao que se executa.

A interpretação pressupõe a descodificação da linguagem musical escrita, ou seja, o conhecimento dos símbolos e a capacidade de os transformar em som. No entanto também é importante interpretar música não escrita (música que não a da tradição «clássica» ocidental), porque existe um património musical que não pode ser ignorado, nomeadamente música de tradição oral e música improvisada.

Como já foi referido, tem de atender-se à importância da qualidade musical das peças executadas, sejam elas temas improvisados, canções populares ou obras de maior envergadura. Para a obtenção desta qualidade é necessário trabalhar regularmente a formação vocal e motora colocando sempre a técnica ao serviço da música.

EXEMPLOS:

No nível I, poderá ser executada uma pequena peça elaborada pelos alunos, com a utilização de fontes sonoras convencionais e não convencionais.

Nesta peça poderá haver grupos de sons de altura definida e de altura indefinida, podendo ser executada em pianíssimo e em fortíssimo.

Sugere-se que seja gravada a execução final da peça a fim de possibilitar uma audição na sua globalidade e desenvolver o sentido crítico dos alunos.

No nível III, poder-se-á escolher uma peça instrumental com um ostinato executado em cada família de instrumentos de percussão, para que os timbres das diversas famílias sejam conhecidos.

Escolher-se-á uma peça em que, predominem as pausas e haja alternância entre linhas sonoras ascendentes e descendentes.

No nível X, o professor escolherá uma peça vocal em compasso binário composto, por exemplo, uma canção tradicional portuguesa harmonizada ou originalmente cantada em vozes paralelas.

A harmonia tímbrica será obtida pela mistura de vozes no mesmo registo. A variação de textura poderá existir na estrutura da canção pela sobreposição gradual das vozes. A execução desta peça por um pequeno ou grande grupo de intérpretes fará alterar a densidade.

SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS

- ABBADIE, Madeleine, e GILLIE, Anne Maria, *L'enfant dans l'univers sonore*; Ed. Armand Colin/Bourrelrier, Paris 1973.
- ARDLEY, Neil, *Música Enciclopédia Visual*, Ed. Verbo, Lisboa 1989.
- BARRAUD, Henry, *Pour comprendre les musiques d'aujourd'hui*, Ed. du Seuil, Paris 1968.
- BRANCO, João de Freitas, *Alguns Aspectos da Música Portuguesa*, Coleção Ensaio, Ed. Ática, Lisboa.
- , *História da Música Portuguesa*, Publicações Europa América, Coleção Saber, Lisboa 1959.
- BRUNER, Jerome, *The Process of Education*, Vintage Books, New York 1963.
- BUSTARRET, Anne H., *L'oreille tendre pour une première éducation auditive*, Les éditions ouvrières, Paris 1982.
- CÂMARA, J. M. Bettencourt, *Música Tradicional Açoriana*, Biblioteca Breve, Instituto da Cultura Portuguesa, Lisboa 1980.
- CARVALHO, Mário Vieira de, *Estes Sons, esta Linguagem*, Coleção Polémica n.º 20, Ed. Estampa, Lisboa.
- DENNIS, Brian, *Projects in Sound*, Universal Edition, 1975.
- DIAS, Margot, *Instrumentos Musicais de Moçambique*, Instituto de Investigação Tropical, Centro de Antropologia Cultural e Social, Lisboa 1986.
- GAGNARD, Madeleine, *A Iniciação Musical dos Jovens*, Ed. Estampa, Lisboa, s/d.
- GAINZ, Violeta de, *La Improvisacion Musical*, Ricordi, 1983.
- GIACOMETTI, Michel, com a colaboração de Fernando Lopes Graça, *Cancioneiro Popular Português*, Ed. do Círculo dos Leitores, Lisboa 1981.
- GRAÇA, Fernando Lopes, *A Canção Popular Portuguesa*, Publicações Europa América, Coleção Saber, Lisboa 1973.
- , *Páginas Escolhidas da Crítica e Estética Musical*, Prelo Ed., Lisboa, s/d.
- , Fernando Lopes, *Opúsculos I, II, III*, Obras Literárias, Caminho 1984.
- GROUT, Donald Jay, *História de la Música Occidental*, Alianza Ed. Música, Madrid 1986.
- Manhattanville Music Curriculum Program, 1965-1970.
- MICHELS, Ulrich, *Atlas de Música I*, versão espanhola de Léon Mames, Alianza Ed. Madrid 1987.
- MORAIS, Domingos, *Os Instrumentos Musicais e as Viagens dos Portugueses*, Lisboa 1986.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2.ª ed., Lisboa 1982.
- PAYNTER, John, *Music in the Secondary School Curriculum*, Cambridge University Press 1982.
- , Aston Peter, *Sound and Silence: Classroom Projects in Creative Music*, Cambridge University Press 1970.
- POLITOSKE, Daniel, *Music*, Prentice Hall, inc., New Jersey 1984.
- REIMER, B., *A Philosophy of Music Education*, Prentice Hall, New Jersey.
- SCHAFER, R. Murray, *The Composer in the Classroom*, Berandol Music Lmt, Scarborough, Ontario 1965.
- , *Limpieza de Oídos*, Ricordi Americana, Buenos Aires 1982.
- , *The Rhinoceros in the Classroom*, Universal Ed., London 1975.
- , *When Words Sing*, Universal Ed. London 1970.
- SEASHORE, Carl, *Psychology of Music*, Dover Pub. inc., New York 1967.

- SELF, George, *Make a New Sound*, Universal Ed. London 1976.
- , *New Sounds in Class*, Universal Ed. London 1967.
- STEPHAN, Rudolf, *Música*, Enciclopédia Meridiano Fischer, Ed. Meridiano, 1968.
- STUCKENSCHMIDT, H. H., *La Música del Siglo XX*, Biblioteca para el hombre actual, Ed. Guadarrama, Madrid 1960.
- SWANWICK, Keith, *A Basic for Music Education*, Nefer-Nelson, 1979.
- SWANWICK, Keith, e TAYLOR, Dorothy, *Discovering Music*, Batsford Academia and Educational 1982.
- VIGNAL, Marc, *Dictionaire de la musique*, L. Larousse, Paris 1987.
- WUYTACK, Jos, e SCHOLLAERT, Paul, *L'audition Musical Active*, Ed. De Monte, Lovaina Bélgica 1974.
- , *Musicograms*, Ed. De Monte, Lovaina, Bélgica 1973.

Bibliografia para alunos

- CANDÉ, Roland, *O Convite à Música*, Ed. 70, Lisboa 1982.
- , *A Música, Linguagem, Estrutura, Instrumentos*, Ed. 70, Lisboa 1983.
- CANDÉ, Roland, *Os Músicos, a Vida, a Obra, os Estilos*, Ed. 70, Lisboa, 1984.
- HODEIR, André, *As Formas de Música*, Biblioteca Arcádia de Bolso, 1970.
- JONES, Morley, *O Jazz*, D. Quixote, 1984.
- KAROL, Otto, *Introdução à Música*, Europa América.
- MUNDY, Simon, *História da Música—dos 1.^{os} Instrumentos à Música Electrónica*, Ed. 70.
- SOUZA, Chis de, *O Meu Livro de Música*, Ed. Verbo, 1980.
- SPENCE, Keith, *O Livro da Música*, Círculo dos Leitores.
- STEFANI, Gino, *Compreender a Música*, Ed. Presença, Lisboa 1987.
- STEHMAN, Jacques, *História da Música Europeia*, Enciclopédia de Bolso Bertrand, L. Bertrand, Lisboa.

SUGESTÕES DISCOGRÁFICAS

Discografia

TIMBRE:

BIZET, G. — *Suite L'arlesienne*.

BRITTEN, B. — «*Guia dos jovens para a orquestra*» variações sobre um tema de Purcell.

CAGE, J. — *Sonatas e interlúdios para piano preparado*.

RAVEL, M. — *Bolero*.

VARESE, E. — *Jonitação*.

VÁRIOS — *Musique du monde* - playasound PS 66000 - C.D.

DINÂMICA:

BORODINE, A. — *Nas estepes da Ásia Central*.

GRIEG, E. — *Suite n.º 1* — Peer Gynt — «*no palácio do rei da montanha*».

PROKOFIEV, S. — *Pedro e o Lobo*.

WAGNER, R. — *Abertura da ópera «Tanhauser»*.

RITMO:

JOPLIN, S. — *The entertainer*.

KODALY, Z. — *Hary Jones suite*.

MOZART, W.A. — *Pequena sonata nocturna*.

TCHAIKOWSKY — *Suite Quebra Nozes*.

ALTURA:

BERIO, L. — *Sequenza III* para voz feminina.

MOZART, W.A. — *A Flauta Mágica*.

SAINT-SAENS — *Carnaval dos Animais*.

RAVEL, M. — *Suite «ma mère l'oye»*.

FORMA:

BACH, J.S. — *Canon perpetuus*.

BIZET, G. — *L'arlesienne*, suite n.º 1 - «*Minueti*» e «*Carrillon*» (ABA).

CHARPENTIER — *Te Deum* (interlúdios).

MOZART, W.A. — *Pequena serenata nocturna* (ABACA code).

REICH, S. — *Piano phase e traditional African Music*.

SCHUBERT, F. — *Marcha Militar* (ABA).

MATERIAL ESPECÍFICO

1 piano ou órgão.
1 xilofone baixo.
1 xilofone contralto (diatónico).
1 xilofone contralto (cromático).
2 xilofones sopranos (diatónicos).
1 xilofone soprano (cromáticos).
1 metalofone contralto.
2 metalofones sopranos.
2 jogos de sinos contraltos (cromáticos).
2 jogos de sinos sopranos (diatónicos).
1 timbale.
2 tamboretas.
2 pandeiretas.
1 bongo.
2 caixas chinesas.
6 jogos de clavas.

1 reco-reco.
2 pratos de 30 cm.
3 triângulos.
1 guiseira.
1 par de maracas.
1 leitor e gravador de *cassettes*.
1 sintetizador de teclado.
1 gira-discos.
1 quadro pautado.
1 quadro liso.
Slides.
Discos.
Cassettes.
Partituras.
Cartolinas.

Composto e impresso
nas Oficinas Gráficas
da IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA, E. P.

Julho de 1991

Depósito Legal n.º 48 010/91

